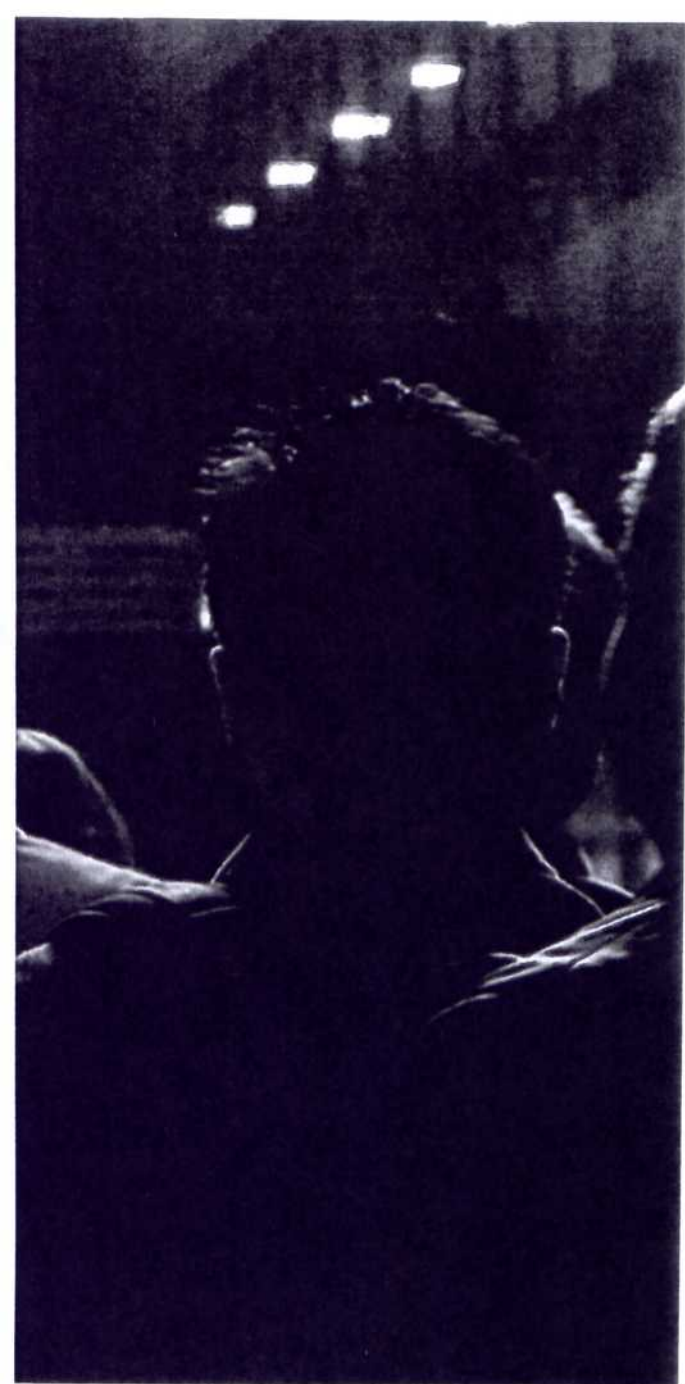


+ EXPOSIÇÃO_“No Cinema”



O CINEMA SEGUNDO

A ARTE



APESAR DA RELAÇÃO HISTÓRICA, os mundos do cinema e das artes plásticas comportam-se, por vezes, como dois familiares separados por uma cortês incompreensão e sempre ciosos dos seus campos (o mesmo será dizer dos seus territórios, fronteiras). Veja-se a polémica em torno do nome de Pedro Costa quando, a propósito da próxima Bienal de Veneza, foi soprado para o espaço público, ou o alívio de alguma crítica de cinema perante a componente narrativa de *Hunger*, de Steve McQueen.

Ainda assim, e apesar das dúvidas – não há relações perfeitas – os dois tipos de criação artística continuam a mover-se em territórios próximos, quando não comuns, e, quase sempre, numa indiferença a receios e outras compulsões. E esta é uma realidade que continua a ser documentada e acompanhada, independentemente do seu grau de mediatismo, por diversos programadores num labor discreto, entusiasmado e atento. É o caso da Solar Galeria de Arte Cinemática, em Vila do Conde, que desde 2002 tem revelado obras de autores como Dominique Gonzalez-Foerster, Matthias Müller, Pedro Costa ou Graham Gussin (seria uma injustiça não aproveitar esta ocasião para lembrar os trabalhos do programador Ricardo Matos Cabo, na Culturgest, e a iniciativa Oporto, de Alexandre Estrela).

A história do projecto está intimamente ligada ao Festival Internacional de Curtas-Metragens de Vila do Conde e à sua equipa organizadora: Nuno Rodrigues, Dario Oliveira, Mário Micaelo e Miguel Dias. Foram estes quatro entusiastas de cinema, formados em Belas-Artes, que decidiram criar, dentro do certame, uma secção dedicada a autores cujas obras apelavam a outro espaço e formas de apresentação que não a sala do cinema. O contexto da curta-metragem convidava à tal aproximação: “[a curta-metragem] tem muito a ver com cineastas em início de carreira, mas também com o vídeo e obras feitas por artistas mais ligados a outros universos. Isso fez com que nos relacionássemos gradualmente com criadores que habitavam esses cruzamentos”, recorda Nuno Rodrigues. O passo seguinte foi arranjar uma casa própria,

A Solar Galeria de Arte Cinemática nasceu, há seis anos, do Festival Internacional de Curtas-Metragens de Vila do Conde para revelar e pensar as ligações entre o universo cinematográfico e a arte contemporânea. Com artistas e obras como aquelas que pontuam a exposição “No Cinema”, patente até Julho na cidade do Rio Ave

entretanto descoberta no Solar de São Roque. Aí realizaram-se as primeiras edições (2002-2004) com programas dos quais se destacavam uma retrospectiva de Eija-Liisa Ahtila e a estreia nacional de filme de Pedro Costa (*No Quarto de Vanda*) em formato de instalação.

Até que, no fim de 2004, a Solar cortou definitivamente os laços que mantinha com o festival, afirmando-se como iniciativa autónoma. “A dada altura, dissemos à Câmara Municipal que estávamos interessados em programar anualmente e não apenas para o festival, e o espaço foi-nos cedido. Começamos então a investigar e a descobrir mais autores que trabalhavam na confluência das duas áreas”.

Nos anos seguintes e até hoje, a Solar Galeria de Arte Cinemática recebeu obras de artistas/cineastas como Ross McElwee, Abbas Kiarostami, Gustav Deutsch (uma das estreias em Portugal) e Tsai Ming-liang e trabalhos de nomes nacionais – numa aposta assumida em afirmar no contexto português a transversalidade do projecto – como Paulo Mendes, Pedro Tudela & Lia, José Maças de Carvalho, Luciana Fina, João Penalva e, em breve, Daniel Blaufuks e João Onofre.

CRÍTICA E HOMENAGEM AO CINEMA |

A relação entre a galeria enquanto espaço expositivo e a arte cinematográfica é um dos “temas” que tem matizado, desde o início, a programação. Encontramos, portanto, propostas que fazem referência à memória e à história da 7ª Arte, bem como à ficção e à narrativa, ou que identificam estratégias apropriacionistas.

“No Cinema,” exposição colectiva patente até ao Verão deste ano, no Centro de Memória – um novo espaço de Vila do Conde situado na Casa de S. Sebastião – é disso exemplar. Com o comissariado de Nuno Rodrigues, Dario Oliveira e Mário Micaelo, reúnem-se no interior deste edifício oitocentista vídeos e instalações de Ariane Michel, Tsai Ming-Liang, Sandra Gibson + Luís Recoder, Christoph Girardet + Matthias Müller, Graham Gussin e Cesário Alves.

O ponto de partida foi a instalação *It's a Dream*, apresentada pelo cineasta de Taiwan na última Bienal de Veneza e que reconstituía uma sala de cinema, com um filme, cadeiras e paredes revestidas de espelhos. É uma versão desta obra que vemos agora no Centro de Memória: estão lá as mesmas imagens – filmadas num velho cinema da Malásia –, os mesmos assentos e a mesma ambiência. Aqui, porém, a proposta de *It's a Dream* foge ao seu contexto original e revela sobretudo uma elegia universal à velha sala escura enquanto sítio originário das nossas relações com a imagem em movimento. Já Christoph Girardet + Mathias Müller recorrem a excertos de filmes para criarem uma tensão entre o olhar do espectador e as personagens, num jogo entre enquadramentos, perspectivas e fantasmas (dos actores, dos filmes, do acto de ver). As propostas de Sandra Gibson + Luís Recoder e Graham Gussin revelam preocupações mais conceptuais. Os primeiros confrontam-nos com o desenrolar de uma fita de bobine que cai desamparada no chão, como se fosse matéria, corpo, objecto do próprio cinema, enquanto numa das paredes um projectador revela imagens pouco nítidas (de um filme?). Quanto a Gussin, apresenta-nos uma sala onde vemos apenas um ecrã negro. Neste, lemos um pequeno texto que nos informa que todos os bilhetes de uma sessão de cinema foram adquiridos. Perto, uma caixa com os ditos bilhetes, por usar, confirma a acção e *Unseen Filme* – assim se chama a obra – projecta a memória e a imaginação do espectador para outro lugar e tempo, num gesto que se resolve numa crítica e serena homenagem ao próprio cinema +

